

## RESENHA

**LEÃO, Andréa Borges. *Norbert Elias & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.**

Écio Antônio Portes\*

Letícia Pereira de Sousa\*\*

Andréa Borges Leão é professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Obteve o título de doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo, com a tese *Brasil em imaginação: livros, leituras e impressos infantis (1890-1915)*. Atualmente, vem estudando o Brasil na literatura juvenil francesa e os livros franceses no Brasil, bem como a história cultural do livro e da leitura, com ênfase na edição, no comércio e na leitura dos livros literários e nos manuais de civilidade e higiene destinados às crianças e aos jovens.

Em *Norbert Elias & a Educação*, a autora começa por fazer uma apresentação do sociólogo alemão Norbert Elias e de sua obra em geral. Leão ressalta que Elias nasceu no dia 22 de junho de 1897, na cidade alemã de Breslau, viveu o período de ascensão do nacional-socialismo e, como era judeu, se viu obrigado a deixar a Alemanha em 1933. Dessa forma, toda sua produção intelectual está configurada sobre a experiência de vida no exílio na África, na Inglaterra, na França e na Holanda. Viveu uma vida longa de *outsider* até se tornar um *estabelecido* no campo científico.

A obra está dividida em duas partes. Na primeira, a autora trata do processo de civilização, movimento contínuo que consiste no modo pelo qual se estrutura uma rede de censuras e proibições que transformam, lentamente, os comportamentos, as emoções individuais e a vida coletiva.

Norbert Elias elaborou uma teoria sobre os processos de civilização, que se caracteriza por uma mudança no controle das paixões, e desenvolveu o conceito de configuração, no qual procura situar o indivíduo nas cadeias de interdependência de seu tempo e lugar. Desse modo, tenta superar um dilema clássico da sociologia, que é a separação entre indivíduo e sociedade. Para Elias,

estes não são objetos que existem separadamente (Veiga, 2005). O sociólogo estuda, ainda, os costumes das sociedades ao longo de oito séculos.

De acordo com Leão, o século XVI foi marcado pela difusão de livros, manuais de boas maneiras que constituíam uma verdadeira pedagogia do comportamento. Dessa forma, nas cortes europeias do Antigo Regime, o monarca se equilibrava sob o sistema de tensões entre os grupos que o apoiavam e bajulavam, situação essa mantida às custas de uma etiqueta rigorosa que funcionava como dispositivo de regulação das disputas. Até o exercício do poder do rei era altamente regulado, limitado às cadeias de interdependência; mesmo o soberano era obrigado a se submeter às formalidades, aos cerimoniais e às etiquetas (Elias, 2001). Só assim, poderia assegurar sua distinção em relação a seu principal concorrente na dominação: a burguesia dos oficiais. Nesse sentido, ressaltamos que as tradições cerimoniais e as etiquetas constituíam instrumentos de dominação, distribuição de poder, modelos de autocontrole e diferenciação social.

Já na segunda parte do livro, Leão analisa a obra *Mozart: sociologia de um gênio*, de Norbert Elias (1995), que, para a autora, significa uma sociologia da singularidade, que vai além de uma simples biografia, pois possibilita a compreensão da individualidade. Afirma, ainda, que Elias articula Mozart e sua genialidade às redes de pressões sociais, constituindo, assim, mais que uma mera narrativa histórica, mas, sobretudo, um modelo teórico capaz de dar conta da figuração que o artista formava nas ligações que estabelecia com os que passavam por sua vida.

Para Elias, Mozart era resultado de anos de empenho do pai, principal responsável pela educação musical do filho, além de desempenhar funções de maestro da corte, empresário, médico e guia de viagem. Mozart era talentoso e não tinha dúvidas quanto a isso, o que o levava a se sentir como igual ou mesmo superior aos aristocratas de sua época, mesmo sabendo que a situação social de músico era comparada à de um serviçal de corte. Assim, Mozart conheceu o sentido da ambivalência da identificação com a nobreza da corte e seu gosto e o profundo ressentimento pela humilhação que ela lhe impunha (Elias, 1995).

Para ser reconhecido socialmente, um músico dependia de um cargo em uma corte; para isso, além de qualificações musicais, era necessário assimilar o padrão de comportamento cortesão. Mozart foi criado dentro dos padrões da corte, entretanto, jamais assimilara as regras de etiqueta,

tampouco apreciava bajulações, rodeios de linguagem, era por vezes deselegante e rude com as pessoas de quem dependia. Portanto, ao fim de sua vida, Mozart acreditava ser um verdadeiro fracasso, desejava ser um artista autônomo em uma época em que a estrutura social não oferecia tal lugar para os músicos. Nesse sentido, vale a pena ressaltar como os indivíduos se encontram ligados por redes de interdependência que limitam sua liberdade de ação e de escolha e os tornam dependentes uns dos outros, como se andassem atados pelos pés por fios invisíveis (Elias, 1998).

Dando continuidade a seu livro, Leão se apropria dos modelos de interpretação de Norbert Elias para discutir, no caso brasileiro, o modo pelo qual se deu o processo de civilização por meio da circulação de livros nos gêneros contos de fadas e civilidade. Assim, de acordo com a autora, os livros possuem uma função de guia, pois quem os difunde, imprime ideias e valores, decide o que é permitido e o que é proibido. O livro é um objeto intelectual produzido socialmente e, em um determinado momento da história, assumiu a função de suporte da civilidade, confundindo-se com os manuais de etiqueta.

Leão nos conta que, no caso brasileiro, os manuais de civilidade foram difundidos em meados do século XIX com a chegada da livraria francesa à corte do Rio de Janeiro e que muitos dos manuais que circulavam no Brasil eram franceses. Assim, até a segunda metade do século, restava à população brasileira apenas assimilar as regras, por imitação, do comportamento parisiense. O objetivo dos manuais era fazer com que, ao consultá-los, os leitores apreendessem os modos de distinção social, pois os guias estabeleciam regras de convivência destinadas a regular a vida, além de aumentar os padrões de vergonha e pudor. Contudo, faltava um código de civilidade brasileiro que pudesse ser adaptado ao universo infantil. Respondendo a essa demanda, os professores começaram a escrever guias de comportamento para as crianças. As regras de civilidade, adaptadas para o uso escolar, eram mais que uma pedagogia do comportamento: elas implicavam também a conversão pela leitura das técnicas de controle em autocontrole. A autora ressalta que, por muitos anos, as regras de polidez do comportamento foram aplicadas nas escolas públicas e privadas, regras essas que faziam a ligação entre o mundo da casa e a aquisição de uma cultura escolar.

Leão destaca que, apesar de não constituírem um manual, os livros de literatura infantil continham os modelos de civilidade. Em fins do século XIX e início do século XX, os contos de fadas pedagogizavam a prosa em ficção e, dessa forma, impunham regras de comportamento e convívio social. O simples fato de ler ou ouvir uma história já significava o conhecimento de um modelo de

comportamento, induzia o controle das emoções no sentido de um autocontrole. No Brasil, era ampla a aceitação dessa literatura, que encontrava na figura da mãe uma mediadora entre o universo infantil e o universo adulto.

Nesse sentido, Leão afirma que os livros infantis são objetos importantes no processo de formação e interiorização da experiência do mundo e da relação com o mundo adulto, já que conduzem os leitores a transformarem as regras necessárias em lei interior. Dessa forma, é-nos possível perceber que, ainda hoje, os contos de fadas trazem modelos de comportamento que procuram inculcar valores por meio das atitudes dos personagens e da moral das histórias.

A nosso ver, o livro de Leão é mais indicado para aqueles que estão se iniciando na obra de Norbert Elias, pois é de fácil compreensão e sistematiza bem os principais modelos teóricos do autor. Contudo, para aqueles que já estudam a sociologia configuracional, o livro não traz maiores contribuições. A autora utiliza o título comercial e o reconhecimento da coleção *Pensadores & Educação*, para divulgar seu próprio trabalho. Se, por um lado, trabalha corretamente com os conceitos-chave de Norberto Elias (configuração, interdependência, civilidade, trajetória paradigmática...), por outro, trata-os superficialmente, motivo pelo qual fomos apontando no decorrer do texto as obras de Elias em que eles se encontram. Essa postura deixa a desejar no entendimento das relações estabelecidas entre a obra de Norbert Elias e a educação.

Por fim, cabe ressaltar que *Norbert Elias & a Educação* é um livro útil aos educadores de modo geral, pois, de forma simples e bem organizada, a autora perpassa pelos principais modelos teóricos de Norbert Elias. Assim, mostra como os conceitos de configuração e cadeias de interdependência ajudam na compreensão da formação do indivíduo, suas apropriações culturais e simbólicas. Por outro lado, aqueles que procuram aprofundamento e compreensão dos conceitos utilizados por Norberto Elias não estão dispensados de ler o próprio autor. Nesse sentido, indicamos a seguir algumas obras (umas citadas na resenha e outras como sugestão de leitura), nas quais os leitores interessados podem produzir um aprofundamento mais apropriado.

## **Referências**

ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. v. 2.

\_\_\_\_\_. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994a.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994b.

\_\_\_\_\_. *Mozart. Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *A sociedade da corte*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

VEIGA, Cyntia Greive. Pensando com Elias as relações entre Sociologia e História da Educação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). *Pensadores sociais e história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 139-166.

### **Dados dos autores:**

\*Écio Antônio Portes

Doutor em Educação – UFMG – Professor adjunto do Departamento de Ciências da Educação – UFSJ – e coordenador do Mestrado em Educação/UFSJ.

Endereço para contato:

Universidade Federal de São João del-Rei

Departamento de Ciências da Educação

Campus Dom Bosco

Praça Dom Helvécio, 74

36301-160 São João del-Rei/MG – Brasil

Endereço eletrônico: [eaportes@ufsj.edu.br](mailto:eaportes@ufsj.edu.br).

\*\*Letícia Pereira de Sousa

Acadêmica do Curso de Pedagogia – UFSJ

Endereço eletrônico: [pedagogialeticia@gmail.com](mailto:pedagogialeticia@gmail.com)

Data de recebimento: 1 dez. 2009

Data de aprovação: 18 maio 2010.